

# Repertório Coral: da escolha ao desenvolvimento junto ao Coro

Relato de experiência intitulada “Laboratório Coral” com uma turma de regência coral da Etec de Artes de São Paulo

## Comunicação

Emerson Pereira Tineo<sup>1</sup>  
Mestrando em Educação Musical – IA Unesp  
eptineo@gmail.com

### Resumo

Pretendemos por meio deste artigo refletir a respeito da preparação do regente diante da escolha, planejamento e ensaio de repertório. Quais são os pontos essenciais e balizadores no processo de seleção, estudo e dinâmica de aplicação dentro do ensaio coral. Como relato ilustrativo em apoio a esta reflexão, traremos a experiência de uma atividade intitulada “laboratório coral” realizada com alunos do curso técnico em regência da Etec de Artes de São Paulo. Autores de referência para a temática do Canto Coral e Regência Coral servirão de suporte ao trazer suas visões a respeito dos problemas do regente coral frente às opções e projetos para estruturação de um programa.

**Palavras chave:** Regência Coral; Preparação Coral; Repertório.

### Introdução

A escolha do repertório, sua qualidade e seu acomodamento adequado ao grupo coral, é uma tarefa do regente. A liderança do coro por sua responsabilidade, por possuir conhecimento do *métier* e uma vivência abrangente, tem como encargo e obrigação fazer as apropriadas seleções e opções para cada coral que vier a reger.

A natureza de cada agrupamento coral demanda um olhar cuidadoso e sensível, considerando sempre as necessidades técnicas, artísticas ou funcionais que se apresentam.

---

<sup>1</sup> Graduado em Composição e Regência e Licenciado em Educação Musical pela Universidade Estadual Paulista – Unesp. Atua como regente em grupos corais em contextos comunitários, amadores e com finalidade pedagógica. Foi professor de Canto Coral no Projeto Guri e Guri Santa Marcelina por mais de dez anos. Coordena a área de canto coral, iniciação musical e os grupos artísticos de referência do Projeto Guri (Corais), administrados pela AAPG. É professor de prática coral e regência coral na Etec de Artes de São Paulo e atualmente é mestrando em Educação Musical no Instituto de Artes da Unesp.

Os contextos e situações variadas em que cada grupo coral se manifesta ou se desenvolve deverão ditar uma série de ângulos na abordagem e olhar do regente. A liderança musical precisa possuir um amplo e complexo arsenal de estratégias e materiais que atendam as necessidades de performance e formação de seus cantores, provendo sua equipe com variedade de estilos, gêneros musicais e experiências dentro do universo coral. Grupos amadores, comunitários, escolares, universitários têm expectativas, anseios e precisam ter dinâmicas profundamente diferentes de grupos profissionais com uma agenda extensa e cantores experientes. Nesse sentido, formação do regente coral é vital para que seja feita a leitura e diagnóstico coerente em cada situação. O âmbito de suas experiências como regente e cantor de coro devem ser abrangentes, a fim de que ele não reproduza apenas os escassos modelos a que ele foi exposto.

O maestro Samuel Kerr, no texto “Carta Canto Coral”, expõe uma série de questões que envolvem o universo da prática do regente, entre eles sua visão acerca do tratamento a ser dado ao repertório. Para ele o canto coral é um “procedimento artístico fascinante, sempre a realimentar-se a si mesmo...” e a razão maior do convívio coral é o soar de uma canção “ela é a justificativa do convívio vocal, o gerador da construção contínua e poética do canto”. (KERR, 2006, p. 121)

Desta maneira, cabe ao regente como artista sensível e preparado tecnicamente avaliar os recursos humanos, observando as capacidades, habilidades e saberes que possui seu grupo de cantores. Cantar, fazer soar uma canção é a justificativa principal dos grupos corais, mas ao regente resta a escolha do que cantar, ou do que é cantável. O maestro e professor Vítor Gabriel comenta a respeito, sugerindo que o regente também é um limitador nesse processo “(...) a apreensão da obra e os limites técnicos dos cantores e dos regentes serão os pontos de referência para a escolha do repertório”, por outro lado faz questão de enfatizar “não há receita para repertório; cada grupo, se considerando dentro de suas características próprias, exigirá seu próprio repertório. Cabe ao regente a pesquisa do repertório (busca/produção/encomenda)” (ARAUJO, 2014, p. 27).

## **Limites e possibilidades – Avaliação dos recursos vocais e humanos**

“Não se define o repertório à priori, isto é, antes de conhecer o grupo com o qual se vai trabalhar. É necessário saber quais são suas características vocais e humanas, seus limites e possibilidades, sua disposição e atuação, e assim por diante” (ARAUJO, 2014, p. 17). O reconhecimento dos limitadores e a verificação dos recursos dentro do grupo coral podem se estabelecer como primeiras tarefas do regente. A partir disso diversas perspectivas se abrem ao regente, entre elas o foco das escolhas musicais. Ainda como obrigações do líder coral, dentro do *hall* de atribuições está identificar as características vocais, individualmente e no conjunto, entendendo como essas vozes atuam simultaneamente quanto ao timbre, volume, presença, disciplina e musicalidade.

A visão clara do grupo e a observação e percepção das potencialidades e limitações é ponto determinante para que exista o máximo de rendimento artístico e estético do grupo coral. Isto é em essência pela natureza amadora de grande parte dos grupos corais, o regente atua em função do grupo e seus propósitos particulares não devem sobrepor a coletividade

Na qualidade de músico, o regente não deve encarar seus cantores como se fossem instrumentos dos quais se serve para alcançar seus propósitos. Deve-se fazer uma distinção bem grande entre um coro e uma orquestra. Uma orquestra normalmente é formada por músicos profissionais. Um agrupamento coral é geralmente formado por amadores e, somente em casos excepcionais, por cantores de profissão (ZANDER, 2008, p. 146).

Ainda nessa trajetória o maestro e professor Vitor Gabriel destaca o valor do regente educador, mostrando que dentro desse processo as fronteiras que restringem podem ser vistas como metas a serem ampliadas. “Todo conjunto ou grupo tem seus limites, quer seja para o pior quer seja para o melhor” (2014, p. 26), no decurso desse processo, ao avaliar as habilidades, competências e limitações o regente precisa produzir material adaptado ou original que caiba dentro da realidade de cada agrupamento coral, com vistas ao potencial real ou a ser alargado, favorecendo ao aprimoramento das capacidades musicais e artísticas do grupo vocal. Zander (2008) segue a mesma direção ao comparar a atuação do regente de orquestra com regente coral, expõe um aspecto crítico da abordagem de ambos, a proximidade ou não com os executantes. Ao regente coral cabe mais do que reger, pertence

a ele a incumbência de complementar a formação dos cantores, para assim chegar ao repertório, à música.

Tendo, pois, que trabalhar normalmente com amadores, a tarefa do regente de coros é bastante mais ampla, sob o ponto de vista humano, que a do regente de orquestra. Evidentemente, não se trata de uma escala de valores musicais, mas de técnicas e sua aplicação ao trabalho. O regente de coros enfrenta, geralmente, um grupo com menos base musical. Os regentes de orquestra enfrentam músicos profissionais, às vezes até concertistas, ou músicos do mesmo nível, que com ele concorrem em conhecimento e musicalidade. Assim os problemas de ambos são diferentes. O regente de coros não só é uma pessoa que rege grupo, mas principalmente alguém que deverá dar ou completar a formação musical de seus cantores e, com estes, moldar a música.

O convívio do regente de coros com seu grupo, já pela própria exigência do trabalho, é muito mais intenso. (ZANDER, 2018, p. 147)

A administração das funções dentro de um coral, são de certa maneira amplas e exigem do regente flexibilidade e equilíbrio. Ele é educador, referência e modelo musical principal, por vezes até mesmo único de seus cantores, é de fato uma autoridade. Isso deve se refletir na capacidade e conhecimento musical. Mais uma vez reforça-se aqui a responsabilidade atribuída a esse profissional, pois “sua capacidade deve ser o guia, a alma e a vida de seu agrupamento. O coro é o reflexo do que o seu regente pode e sabe” (ZANDER, 2018, p. 147-148).

## **Repertório Coral – Variedade e Equilíbrio**

Assim como a razão principal para o convívio coral é o soar de uma canção, sua adequada escolha é decisiva para o sucesso do programa de um grupo. Segundo Demorest (2014, p. 92), não é exagero dizer que isso, a música a ser ensaiada e apresentada constitui o coração do currículo coral, e as escolhas de repertório tem o potencial de influenciar grande parte do que acontece em uma temporada de ensaios, cabe ao regente o devido cuidado com as decisões e preparo para cada momento.

Como discutido anteriormente, a visão e leitura adequada do grupo trarão indicativos precisos sobre os recursos humanos presentes no grupo. Isso poupará o regente de uma preparação e planejamento grandes e desnecessários, sem vistas ao que é real e se

apresenta diante dele. Sendo assim, as escolhas devem ser equilibradas, ao se escolher o repertório o regente deve ter em mente a qualidade e valor musicais dessas preferências, mantendo a honestidade nas escolhas de acordo com os gêneros e estilos musicais. De acordo com Demorest (2014, p. 93), também é importante que a música cause um impacto emocional nos cantores, isto será a primeira motivação do trabalho coral.

No caso do canto coral amador ou de espaços de formação (escolas de música, universidade, etc.), a variedade na escolha de repertório se justifica pelo fato dessa experiência ser em muitos casos o único espaço de contato com música coral. O regente em muitas situações é o grande responsável por expor seus cantores ou alunos a um repertório vocal, por esta razão é necessário aceitar essa incumbência e oferecer um horizonte amplo aos cantores de coro.

(...) em apenas um ano, é impossível de cantar todos os estilos de música, mas em dois, três ou quatro anos no coral, estudantes deverão ter a oportunidade de ensaiar e apresentar um repertório significativo e equilibrado de uma ampla gama das tradições da música coral (DEMAREST, 2014, p. 95, tradução nossa).

Segundo Demorest (2014), alguns pontos podem servir como guias para se procurar a diversificação do material. Buscar equilíbrio entre música sacra e secular; arranjos e transcrições; músicas de muitas culturas; e texturas variadas. No entanto, deve-se levar em consideração também a maturidade vocal e tamanho do grupo, local da apresentação e público em potencial, mas sempre com vistas a algo excitante e estimulante a todos, inclusive ao regente.

## **Laboratório Coral - Circunstâncias de sua realização**

O que trazemos como relato aqui é fruto da colaboração de uma de minhas turmas de regência coral da Etec de Artes de São Paulo. A Escola técnica de artes foi criada a partir de 2008, e se apresenta como um importante espaço para a democratização e acesso do ensino da Arte e da Música na cidade de São Paulo. Atualmente a escola oferece os seguintes cursos: Teatro, Canto, Dança, Design de Interiores, Eventos, Processos Fotográficos, Paisagismo e Regência. Está estabelecida no Parque da Juventude e localizada

no mesmo espaço onde durante anos funcionou o complexo penitenciário do Carandiru, em Santana, zona norte de São Paulo. Naquela penitenciária havia diversos pavilhões dos quais foram preservados dois, os de número 4 e 7, o último que após as devidas reformas abriga atualmente a Etec de Artes.

A proposta *“laboratório coral”* é uma das atividades programadas dentro do planejamento semestral do componente curricular *“Prática Coral II”*. Ela aconteceu ao final do semestre como parte do processo prático, as questões relacionadas ao estudo da regência, foram aprimoradas e desenvolvidas dentro do componente *“Regência Coral II – Análise e Planejamento no Repertório”*.

Ambos componentes estão presentes na grade do segundo módulo do curso, em cada uma das disciplinas a turma tem um encontro semanal de 1h40 no período noturno. O perfil dos participantes é bastante variado indo de alunos que estão cursando o 2.º ano do ensino médio até profissionais de variadas áreas (alguns com nível superior em música completo, mas em áreas diferentes da regência, como licenciatura e musicoterapia, por exemplo). A faixa etária deste grupo descrito é de 16 a 45 anos. O grupo tinha naquele momento em torno de 26 alunos (o número máximo permitido para ingresso neste curso é 30).

A justificativa para escolher as disciplinas em questão é pelo fato de ambas trazerem elementos fundamentais para a discussão do repertório coral. No caso particular do componente de regência, podemos destacar dentre as competências previstas as seguintes: *“1. Propor alternativas de performance musical a partir da pesquisa de repertório”* e *“3. planejar o desenvolvimento do trabalho técnico-interpretativo do coral”*. Em ambos os casos fica ainda mais evidente a preocupação e os objetivos propostos no título do componente.

Figura 1 – componente curricular Regência II – análise e planejamento no repertório

**MÓDULO II – SEM CERTIFICAÇÃO TÉCNICA**

<b>II.1 – REGÊNCIA II: ANÁLISE E PLANEJAMENTO NO REPERTÓRIO</b>						
<b>Função: Execução Musical</b>						
<b>COMPETÊNCIAS</b>		<b>HABILIDADES</b>		<b>BASES TECNOLÓGICAS</b>		
1. Propor alternativas de performance musical a partir da pesquisa de repertório.		1.1. Selecionar repertório com base em aspectos históricos, estilísticos e técnicos; 1.2. Aplicar os elementos técnicos e estilísticos na execução do repertório escolhido.		1. Aspectos técnicos do repertório musical: • tessitura; • textura (monódica, homofônica, contrapontística, heterofônica, entre outros); • estrutura rítmica; • estrutura harmônica		
2. Criar mapas de regência a partir da análise de repertório.		2.1. Identificar os aspectos estruturais dos textos musicais escolhidos. 2.2. Selecionar o gestual pertinente ao repertório pesquisado.		2. Aspectos estilísticos do repertório: • Contexto histórico da obra e compositor; • Gênero musical: o segmentos e desdobramentos da música erudita e da popular. • Formas e Estruturas Musicais (Binário, Ternário, Rondó, entre outros)		
3. Planejar o desenvolvimento do trabalho técnico-interpretativo do coral.		3.1. Orientar o grupo musical na execução da performance planejada. 3.2. Executar o trabalho técnico-interpretativo relacionando-o ao gestual e repertório selecionados.		3. Mapa de Regência: • Indicações de levas e entradas, andamento e <i>agógica</i> , dinâmica, articulação e fraseado		
<b>Carga Horária (Horas-aula)</b>						
Teórica	00	Prática	60	Total	60 Horas-aula	Prática em Laboratório
Teórica (2,5)	00	Prática (2,5)	50	Total (2,5)	50 Horas-aula	

fonte: plano de curso de regência, etec de artes - 2014

**Descrição e aplicação da proposta**

Como visto na Figura 1, os conteúdos, habilidades e competências foram trabalhados de maneira orientada, inclusive teórica no componente Regência II. A aplicação da proposta foi desenvolvida na disciplina Prática Coral II. É importante destacar que a experiência prática foi valorizada de maneira extensiva, sendo dessa forma oportunizado ao grupo esse momento de atuação dentro do componente complementar (prática coral II).

O estudo da regência não pode ser feito só apenas através de livros. O candidato à regência deve reger muito e sempre que puder. Deve aprender seu *métier* pela prática para poder sentir-se à vontade. Alguém pode saber todas as regras de memória, mas no momento em que deve enfrentar um coro, aplicar os movimentos antes imaginados em seu estudo particular, ficará completamente inibido, sem saber por onde começar. (ZANDER, 2008, p. 146)

Assim como o estudo e planejamento foram construídos sob a perspectiva do regente coral, para reger um grupo musical é primordial vivenciar a experiência de ser regido, “na medida do possível, o regente deve provir de um grupo coral. Ter sua prática de cantor de coro para também, mais tarde, poder entender o trabalho sob o ponto de vista deste” (ZANDER, 2008, p. 146).

Dessa maneira as ramificações do conhecimento teórico se conectam na prática, cantando, analisando, escolhendo material, avaliando as atuações dos colegas e refletindo a respeito do próprio desempenho frente ao grupo, sempre coletivamente.

Ao ser direcionada a proposta desta atividade à turma, algumas orientações foram indicadas para que o aproveitamento fosse maior. A turma foi dividida em seis grupos<sup>2</sup>, tendo por volta de três ou quatro integrantes em cada um. Foi estabelecido que teríamos três oportunidades de encontro, nos dois primeiros os grupos poderiam trabalhar com o grupo coral por 20 minutos e no último por 15 minutos. Essas condições extremamente limitadoras se mostraram essenciais para que os tópicos abordados pudessem ser aplicados de maneira intensa, principalmente na preparação do regente.

Estando estabelecidos os ensaios, a minutagem, cronograma e agenda de aplicação da proposta, enfatizamos o que o professor e maestro Vitor Gabriel indica em referência ao plano de trabalho do regente coral

De acordo com a quantidade e duração dos ensaios os Coros terão um número X de dias de ensaio e um número Y de horas de ensaio. O cronograma organizará a quantidade de ensaios por semana (mês, semestre, ano). A minutagem organizará a duração dos ensaios semanais (mensais, semestrais, anuais). O cronograma e a minutagem são tópicos fixos e regulares. As apresentações e concertos, geralmente muito mais móveis, integram a Agenda do Coro (ARAUJO, 2014, p. 27).

---

<sup>2</sup> Vale destacar que a opção pelo trabalho coletivo é justificada pela expressiva variedade de experiências de cada integrante da turma, desta maneira a organização em grupos visava estabelecer parcerias produtivas que proporcionassem trocas significativas no processo de planejamento e desenvolvimento da proposta.

De fato, foram balizadores dentro da estruturação da proposta tais considerações, assim como os tópicos abordados durante o semestre na disciplina de Regência II. Além disso buscamos evidenciar que a preparação do ensaio exige em seu planejamento as seguintes considerações, segundo Araújo (2014, p. 29) o que deve ser feito em cada ensaio; o cálculo que pondere a duração do ensaio e a duração do(s) repertório(s) a serem ensaiados; e qual o objetivo que se pretende alcançar em um único ensaio.

Elencadas todas as questões referentes a escolha do material, uma em especial foi enfatizada, considerando os limitadores de tempo e as potencialidades do grupo. Como se trata de um grupo de estudantes por vezes ansiosos por demonstrar potencial frente aos colegas, procuramos alertar que o grau de dificuldade não seria um elemento para avaliação do sucesso da empreitada

Outro fator importante é o grau de dificuldade que uma partitura apresenta ao grupo. Nunca escolher músicas demasiado difíceis, só para mostrar que o grupo sabe e pode cantar coisas difíceis. Isto seria uma vaidade fora de propósito. A música não tem sucesso pelo grau de dificuldade, mas antes pelo grau de perfeição e musicalidade com que é executada. É melhor executar bem uma partitura fácil do que executar sofrivelmente uma partitura difícil (ZANDER, 2018, p. 151)

No entanto a qualidade e honestidade frente a proposta deveriam se manter, de tal maneira que os princípios da experimentação e crescimento musical fossem preservados, não cedendo à tentação de cumprir a tarefa de maneira simplória e demasiadamente superficial, “cada grupo deve manter um certo nível de valores, abaixo do qual nunca deveria se aventurar” (ZANDER, 2018, p. 151).

## Planejamento e Pré - Ensaio

Muitos diretores corais são convidados a apresentar, e vários, especialmente os diretores musicais de escolares, sentem que o tempo destinado para ensaios é inadequado para desenvolver seus grupos em um nível de performance adequado (GARRETSON, 1998, p. 202, tradução do autor).

Sendo assim, levando-se em conta estas questões, o tempo de ensaio curto, as grandes expectativas e exigências do público e até mesmo das instituições mantenedoras, os

ensaios / aulas devem ser muito bem planejados e ter seu uso de tempo utilizado de maneira muito efetiva. Procuramos orientar o grupo nesta direção, indicando que dentro dessa proposta de atividade poderíamos vivenciar em um modo micro as situações encontradas no dia a dia do trabalho coral.

Garretson (1998, p. 202-203) em seu livro *“Conducting Choral Music”* indica um cuidadoso planejamento de pré-ensaio com vistas a favorecer o aprendizado mais significativo e amplo. Desta forma nos indica (o autor) uma série de sugestões gerais a respeito do planejamento do ensaio que serviram de roteiro aos grupos dentro dessa atividade:

1. planeje uma variedade de tipos e estilos musicais;
2. Saiba bem a música! Identifique os trechos problemáticos na partitura e defina como você irá tratá-los.
3. Estude o texto cuidadosamente, saiba os significados, e identifique quaisquer palavras com uma pronúncia não usual;
4. Aplique seu conhecimento sobre estilo musical;
5. O que você planeja falar para o grupo? Escreva alguns exemplos de frases;
6. Você planeja demonstrar algumas ideias? Se sim, o que e como?
7. Tenha uma atitude positiva diante de seus cantores;
8. Ajude seu acompanhador a se preparar para o ensaio;
9. Determine antecipadamente e escreva as escolhas e seleções do ensaio na lousa;
10. Considere avaliar os assuntos referentes ao progresso do grupo a cada ensaio.

## Repertório escolhido

Passadas as orientações gerais e estabelecido o cronograma da atividade com a sequência de atuação de cada grupo, seguiu-se a escolha e indicação das músicas por parte de cada equipe, a tabela a seguir mostra essas escolhas.

1. Sun Rise	Cânone (negro spiritual)
2. Younder Come Day	Cânone (negro spiritual)
3. Jesu Rex Admirabilis	G. P. da Palestrina
4. Agora só falta você	Rita Lee / arr.: Edu Fernandes
5. Canto dos Sinos	Melodia ucranina
6. “Endunda”	Trad. Uruguai

A abordagem de cada grupo frente às peças foi variada, no entanto buscou-se a todo momento deixar claro que o objetivo era “levantar” o repertório, valorizando para isso estratégias pré-estabelecidas e favoráveis a uma leitura rápida e produtiva. Podemos dizer que a abordagem geral foi muito parecida com a feita em um grupo amador. A colocação de David Junker (2009) a respeito do canto coral amador, reforça e justifica essa opção de abordagem, inclusive como oportunidade para preparação para o ambiente de trabalho fora da escola.

Em todo o mundo, e o Brasil não é exceção, a grande maioria dos grupos corais é de amadores. São movimentos de natureza comunitária em geral ligados à uma instituição, ou independentes (posteriormente serão discutidos os variados gêneros de grupos corais). Estes últimos, em via de regra são guiados pelo idealismo de seu regente ou, em bem menores proporções, de um número de líderes que insiste em manter o grupo com todas as forças possíveis (JUNKER, 2009, p. 01).

Além do mais, a partir de uma breve sondagem por meio de questionário pudemos confirmar a extensa variedade de conhecimentos prévios e vivenciais em canto coral da turma. Dentre os 15 alunos que se dispuseram a responder às perguntas (aproximadamente 57% da turma), 33% nunca havia cantado em coro anteriormente, apenas nas turmas da própria escola técnica; 60% já havia cantado em coros amadores, comunitários, dentro do Projeto Guri ou em igrejas; e apenas 7% apresentou uma experiência vasta em canto coral, inclusive como solista. Sendo assim, segundo JUNKER (2009), podemos classificar que o grupo em questão está dentro de uma categoria coral indicada como coral de escola técnica, pois trata-se de um agrupamento ligado a uma instituição educacional que tem como objetivo principal o desenvolvimento acadêmico. Por outro lado, os indicativos trazidos nos mostram que a mescla resultante dos diversos contextos dos quais os integrantes são provenientes (profissional, pré-profissional, amador, estudantil) é predominante amadora e faz com que a administração ou liderança coral considere essa situação verificada, inclusive para a aplicação e dinâmica de ensaio. Vale dizer que se a experiência como cantor em corais é mesclada, a experiência como regente coral demonstra o quanto é inicial o padrão geral de vivência nesse sentido. Apenas 27% tiveram alguma experiência como lideranças em grupos vocais. O restante, 73% teve seu primeiro contato apenas dentro das disciplinas oferecidas na escola.

## Conclusão

O desenvolvimento da proposta seguiu o planejamento e cronograma estabelecido, de maneira tranquila e com comprometimento dos participantes. Buscamos de toda forma criar um espaço estimulante em que a experimentação e liberdade prevalecessem. De tal modo que os alunos não se sentissem avaliados, nem tão pouco vigiados em seu processo de trabalho junto ao grupo.

O que podemos observar pelas respostas em relação à escolha de repertório, é que o fator tempo de ensaio e perfil da turma formam decisivos na seleção do material.

Ao final do processo pudemos observar que o grupo se mostrou bastante envolvido e empenhado no desenvolvimento da proposta. O resultado foi discutido em aula posterior, em um formato de “roda de conversa” onde de maneira livre e pouco formal pudemos discutir se as metas foram atingidas ou não. A mensuração dos resultados musicais não foi inicialmente objeto de nossa proposta, procuramos trazer durante a mediação os elementos fundamentais que podem estar envolvidos no percurso de escolha, preparação e desenvolvimento do repertório junto ao coro.

Durante minha atuação como professor de regência coral e prática coral na Etec de Artes, pude observar que as turmas apresentam níveis muito variados de conhecimento prévio e vivência na área coral. No entanto, isso não pode ser um obstáculo para a construção de percursos consistentes e significativos para os alunos e participantes de nossas turmas. A opção por atividades essencialmente práticas tem por objetivo fortalecer e estimular os participantes no fazer vocal e despertar as lideranças em potencial.

Ao ser questionado sobre o que trouxe segurança ou insegurança no progresso da atividade um dos participantes disse o seguinte:

Creio que os principais aspectos que me trouxeram segurança foram primeiramente ter um planejamento, e em segundo lugar, meus colegas que me ajudaram a montar o roteiro se dedicando a ensaiar nas suas casas, a prontidão deles fez a atividade acontecer. O que me deu insegurança foi ser avaliado não só pelo professor, mas pelos meus próprios colegas que também tem uma experiência musical muito maior que a minha, creio que isso acaba por ser bom, pois me instiga a superar essa dificuldade me aprimorando em minhas habilidades e aprendendo com os mesmos (V. C. M).

O relato descrito nos mostra um olhar que adquiriu alguma maturidade nesse processo e que pôde ser feito de maneira consistente e reflexiva. O aluno lembra aqui que os pontos de segurança na tarefa foram planejamento, trabalho em equipe, prontidão do grupo coral e o aspecto que trouxe insegurança foi ser avaliado por aqueles que segundo ele possuem mais conhecimento musical. Outros ainda reforçaram que além da escolha adequada do material o preparo é base primeira para construção de uma atuação segura, *“trazer o texto traduzido, já ter cantado a peça, compartilhar a experiência com um grupo de colegas de gosto musical e visão estética similares”*; e *“Conhecer a turma e o repertório”*, estão entre os relatos.

A visualização desses itens sob a perspectiva da aprendizagem apresenta o quando foi apreendido nesse caminho, demonstrando que quanto mais envolvimento com a atividade coral mais êxito nos resultados serão possíveis. Seja cantando, regendo ou selecionando repertório, a atividade coral requer uma complexa gama de competências que se inter-relacionam, complementando-se seja artisticamente ou pedagogicamente.

## Referências

ARAUJO, Vitor Gabriel. *Regência Coral* - Apostila para Capacitação de professores do Guri Santa Marcelina. São Paulo: 2014.

DEMAREST, Steven M.; BRINSON, Barbara A. *Choral Music – Methods and Materials*. 2. ed. Boston: Schirmer, 2014.

GARRETSON, Robert L. *Conducting Choral Music*. 8ª Ed. New Jersey: Prentice Hall, 1998.

JUNKER, David. O movimento do Canto Coral no Brasil – Breve perspectiva administrativa e histórica. In: Anais do Congresso da ANPPOM, XI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, Campinas: 1999. p. 2-8 Disponível em [https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso\\_anppom\\_1999/ANPPOM%2099/CONF EREN/DJUNKER.PDF](https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_1999/ANPPOM%2099/CONF EREN/DJUNKER.PDF) Acesso em 12/01/2019.

KERR, Samuel et al. Carta canto coral. In: LACKSCHEVITZ, Eduardo (Org.). *Ensaio: olhares sobre a música coral brasileira*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006.

ZANDER, Oscar. *Regência Coral*. Movimento: São Paulo, 2008.